

"HABITAT" RURAL.

PROBLEMAS DA ZONA RURAL NA REGIÃO DE CARAPARÚ E INHANGAPI

(BAIXO AMAZONAS)

ANTÔNIO ROCHA PENTEADO

Em julho de 1948, na companhia dos professores Pierre Gourou, João Dias da Silveira e Lúcio de Castro Soares, o prof. ANTÔNIO ROCHA PENTEADO, sócio efetivo da A. G. B., seu atual Tesoureiro-Geral, professor de Geografia do Brasil na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" da Universidade Católica de São Paulo e auxiliar de ensino da cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da U. S. P., realizou uma viagem de estudos ao Baixo-Amazonas.

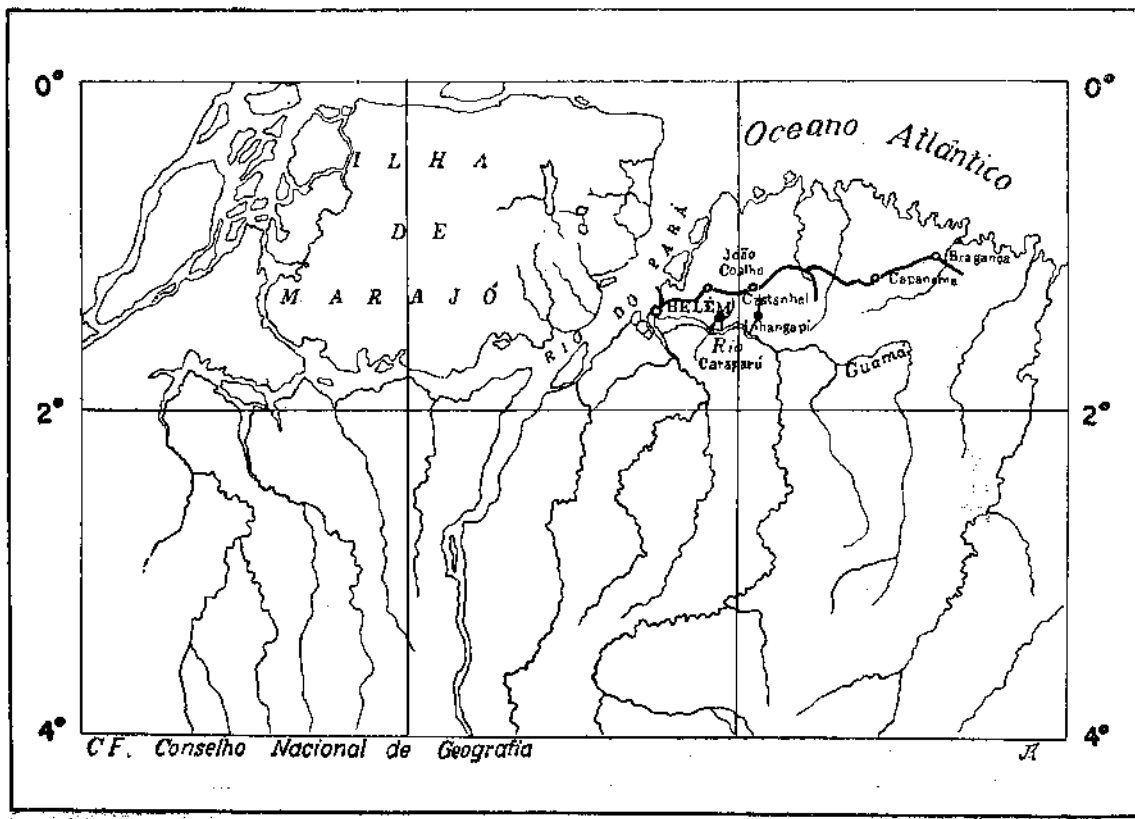
No presente trabalho, o autor focaliza alguns dos problemas da zona rural de uma área restrita dessa porção da Amazônia: a região de Caraparú e Inhangapi.

A região de Caraparú e Inhangapi. — No vale do rio Guamá, ao sul da cidade de Belém do Pará, destaca-se uma área de pouco menos de 400 km², drenada pelos igarapés Caraparú e Inhangapi, coberta pela floresta amazônica.

Dentro dela distinguem-se perfeitamente duas sub-regiões: a do *firme*, mais extensa, que acompanha o rio Guamá; e a das *várzeas*, bem menor, que se desenvolve principalmente nos cursos inferiores dos já mencionados igarapés e junto do rio Guamá.

Calculamos em cerca de 1 650 os habitantes que viviam, em 1948, nesse pequeno trecho do Baixo-Amazonas, caracterizando-se por uma sensível predominância do elemento *caboclo* e por uma notável dispersão do "habitat". As poucas concentrações são modestíssimas: *Caraparú* (100 hab.), sede distrital do município de João Coelho; *Inhangapi* (98 hab.), sede do município de igual nome; e *Conceição do Itá* (50 hab.).

As habitações rurais caracterizam-se por seu grande tamanho, desde que devem abrigar de 8 a 10 indivíduos. Ora são de madeira, obtida com facilidade na mata circunvizinha; ora assemelham-se às nossas casas de barrote (as chamadas casas de *enche-meio*), nos locais em que é possível utilizar a argila das várzeas.



Localização da região de Carapuru e Inhangapi, dentro do Baixo-Amazonas.



Fotos 1 e 2 -- Na região de Caraparú

Na fotografia superior, vemos a vila de Caraparú, construída junto ao igarapé do mesmo nome; é a maior aglomeração de população de toda a área que percorremos. Na foto distinguem-se, à esquerda, a igreja, e, à direita, a casa comercial; o resto do casario se acha escondido pelas árvores, mostrando que, na realidade, essa, como muitas outras vilas, foi construída em uma clareira aberta na floresta.

Na foto inferior, vê-se um aspecto de uma "fábrica" de farinha, com toda a sua rusticidade; é formada de um simples telheiro, todo construído de matéria vegetal, debaixo do qual se abrigam os trabalhadores e onde também se situam o torrador e o ralador de farinha. À direita, fora do telheiro, acha-se um "tipiti", instrumento primitivo feito com fibra vegetal trançada, utilizado para exprimir a mandioca.

Em contato com esse meio natural, a população da região tem de enfrentar uma série de problemas; uns ligados à alimentação e ao vestuário; outros ligados às condições sanitárias; outros, ainda, referentes às comunicações e à produção agrícola.

No presente trabalho, limitar-nos-emos a focalizar alguns desses problemas, que são vitais para os habitantes da região de Caraparú e Inhangapi.

Problemas ligados à alimentação e ao vestuário. — Chama a atenção, antes de tudo, o fato da população alimentar-se e vestir-se muito mal.

Os alimentos preferidos são a farinha d'água, a carne seca e o peixe salgado. Ora, desses alimentos, apenas o primeiro é produzido na região, sendo os demais importados; daí os preços muito altos desses produtos. Em 1947, os preços médios anuais foram os seguintes, em Inhangapi:

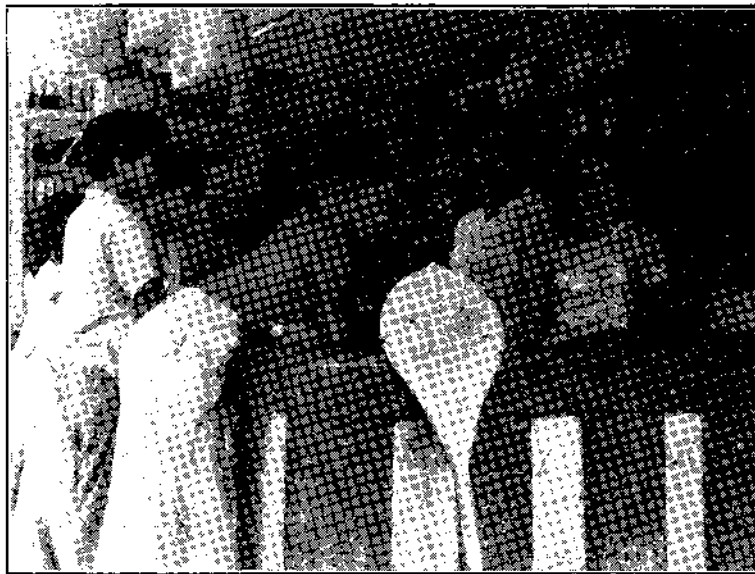
	<i>Por quilo</i>
Farinha de mandioca	Cr.\$ 1,00
Carne seca	Cr.\$ 15,08
Peixe salgado	Cr.\$ 14,08

Outros gêneros, nessa época e no mesmo local, tinham os seguintes preços:

Banha	—	Cr\$ 20,33	o kg.
Manteiga	—	Cr\$ 40,00	o kg.
Pão	—	Cr\$ 10,00	o kg.
Peixe fresco	—	Cr\$ 6,00	o kg.
Lenha	—	Cr\$ 10,00	o m3
Querosene	—	Cr\$ 3,50	o litro
Leite	—	Cr\$ 3,00	o litro
Açúcar	—	Cr\$ 5,00	o kg.
Arroz	—	Cr\$ 3,45	o kg.
Café	—	Cr\$ 8,00	o kg.
Ovos	—	Cr\$ 7,48	a dúzia

Como se nota, preços elevadíssimos, uma vez que muitos desses produtos são regionais, como ovos, arroz, lenha, peixe fresco, etc. Somente a abóbora era muito barata, Cr\$ 0,40 o kilo, isto é, de mais fácil aquisição que a farinha.

Mas, mesmo assim, os caboclos preferem a farinha como prato base; nas três refeições diárias, a farinha entra com grande quantidade: pela manhã, café com farinha (o pão é muito caro); almoço e jantar — peixe ou carne seca com farinha. A quantidade de fari-



Foros 3 e 4 — *Caboclos do Caçaporá*

Na foto superior, vemos um dos roazes artificiais da região, que se dedicava à fabricação de pequenos remos para embarcações. Suas condições físicas dizem bem do seu estado orgânico; seu vestuário mostra-nos sua pobreza.

Na foto inferior, o interior de uma típica venda da zona estudada. Note-se um pequeno ramo, comprado pelo comerciante ao caboclo visto na fotografia anterior, e cujo pagamento foi efetuado em espécie. Os tipos humanos são característicos; caboclos, com sinais de sub-nutrição. Notar ainda as prateleiras da venda, onde se acha um estoque de peças de fazendas, garrafas de cachaça, alguma talaria, e chapéus de palha.

nha consumida em cada refeição é bastante grande; calculamos em, aproximadamente, 300 grs. *per capita*.

O valor nutritivo dêsse regime alimentar é muito pequeno; transformado em calorias talvez não atinja a metade do que, normalmente, necessita o homem, em tais climas, para sua alimentação.

O vestuário é reduzido ao mínimo e indispensável; calças 3/4 e camisas de algodão, pouco uso do calçado e utilização generalizada do chapéu de palha. Quase todas as vendas dispunham de peças de fazendas para vender aos caboclos, o que significa que suas roupas eram feitas em casa e, não, compradas. Daí termos visto, em algumas casas, ao lado de baús ou encostadas num canto qualquer, máquinas de costura, o que contrastava, terrivelmente, com a pobreza do ambiente. Aliás, diga-se de passagem, que as crianças até 7-8 anos andam nuas e as mulheres se contentam com vestidos extremamente simples e folgados, como se fossem curtas camisolas.

Essa situação é um reflexo do baixo poder aquisitivo da população; os salários que encontramos, nessa época, eram extremamente baixos. Uma família, com 8 ou 10 membros, conseguia, em 20 dias de trabalho, Cr\$ 480,00, desde que efetivamente cooperassem para seu sustento o pai, a mãe e o filho mais velho.

Se fossem 10 pessoas, a média seria de Cr\$ 16,00 diários, ou seja, em outras palavras, Cr\$ 1,60 diários *per capita*.

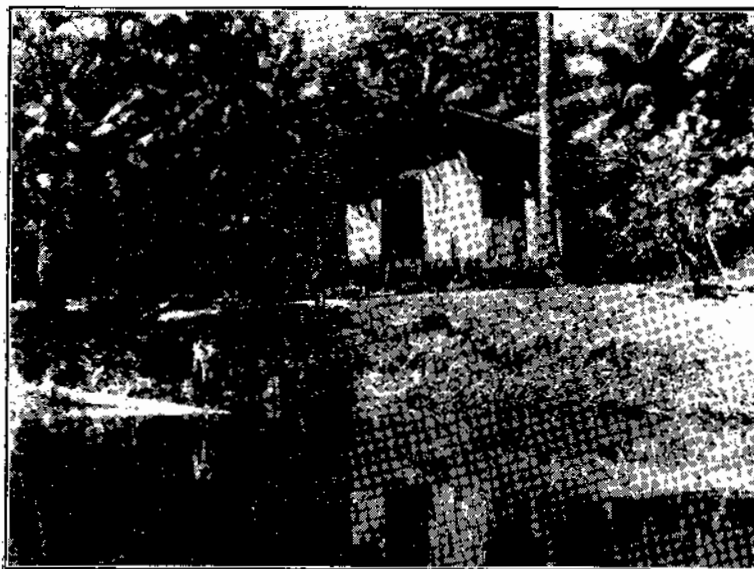
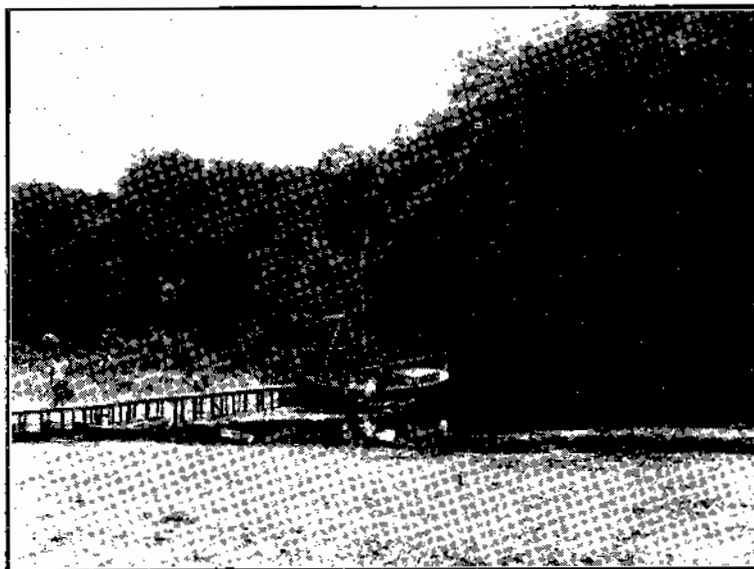
Eis alguns salários pagos na região:

SALÁRIO DIÁRIO EM CRUZEIROS

Profissão	Sem sustento	Com sustento
Carpinteiro	20-30	15-25
Pedreiro	20-30	15-25
Trabalhadores de enxada:		
Homem	11-13	6-8
Mulher	7-9	4-6
Menores	6-8	3-5
Machadeiro	16-20	11-15
Torrador de farinha	16-20	11-15
Ferrador	18-22	13-17

Evidentemente, êsses caboclos não poderiam melhor se alimentar; um kg. de pão correspondia, para a maior parte, a um dia de trabalho! A tal ponto chegou a população, que, para um adulto, o sustento pago pelo empregador era calculado em Cr\$ 5,00 diários!

Problemas ligados ao estado sanitário. — O estado sanitário da região era pouco satisfatório; grassavam, entre outras endemias, a maleita, o amarelão e a "boubá", e ainda mais numerosos casos de moléstia do aparelho digestivo.



FOTOS 5 e 6 — Os "portos" de região

Na foto superior, vemos o "porto" de Caraparú, com seu trapiche; no "porto", uma vigilenga recebendo mercadorias (farinha e arroz), que serão enviadas para Belém.

Na foto de baixo, habitação de madeira situada na várzea e cujo "porto" consiste em um tronco de palmeira mergulhado no igarapé; é um quadro típico da pobreza regional.

A quantidade de focos de mosquitos, os poucos recursos médicos de que dispõe a região, o uso constante pela população de águas servidas (os igarapés são, ao mesmo tempo, caixas d'água e condutos de esgotos), o estado orgânico deficiente em que se encontram os caboclos, contribuíram para a mortalidade assáz acentuada.

Quase nunca vimos uma pessoa idosa; em quase todas as famílias havia casos de mortalidade infantil. Em 1946, no município de Inhangapi, nasceram 88 pessoas e morreram 83; houve 20 casos de mortalidade de crianças até um ano de idade e 13 casos de crianças que nasceram mortas. Calculadas as porcentagens, veremos que elas são bastante significativas.

A-pesar-de tudo, o número de crianças e de jovens é bastante grande na região. Se as condições alimentares fossem melhores, não haveria desnutrição, muito mais resistente seria o caboclo e, conseqüentemente, mais trabalhador.

Raros eram os caboclos que, quando inquiridos se tiveram maileta, não respondiam fazer um ou dois anos que tinham sido atacados pela febre pela última vez.

O poder aquisitivo não permite a compra de medicamentos de preços elevados; daí se entregarem, frequentemente, a curandeiros que, quase sempre, receitam infusões preparadas à base de ervas regionais, de fácil aquisição, mas com efeitos duvidosos.

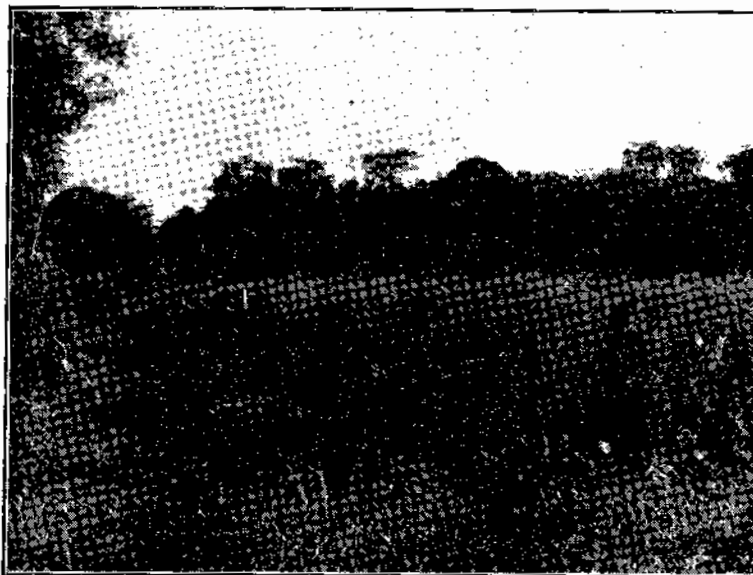
Problemas ligados às comunicações. — Entre a estrada de ferro de Bragança e o rio Guamá, a primeira ao norte e a segunda ao sul, estende-se a região de Caraparú e Inhangapi, servida pelos igarapés dos mesmos nomes e seus tributários.

A população depende das vias fluviais, quer para sua simples locomoção, quer para a importação ou exportação de seus produtos.

O problema é tão importante, para o caboclo, que se torna necessário possuir terras com frente para as vias fluviais; daí a divisão de lotes, com pequena frente e muito fundo, o que ocasiona um sistema anti-econômico de aproveitamento de terra.

Visitamos uma propriedade no igarapé Mãe do Rio, com 180.000 m², dos quais eram cultivados 39.325 m², tendo a sede uma área de 6.050 m², o que significa que 134.625 m² não eram utilizados, isto é, eram dominados pela floresta.

Muitas vezes, o caboclo não pode cultivar o trecho da propriedade próximo ao rio, principalmente quando esta se encontra parcialmente na várzea ou igapó. Nêsse caso, prefere cultivar a parte interna da propriedade e mais afastada do rio, ou seja sobre o "firme", onde encontrará uma série de condições geográficas desfavoráveis à agricultura.



Foros 7 e 8 — *A tradição e a inovação*

Em cima, um caboclinho colhendo mandioca, em uma capoeira aproveitada para o cultivo rudimentar e pouco trabalhoso.

Em baixo, vê-se um campo experimental do "Instituto Agrônomico do Norte", no qual se cultiva a juta, aliás com grande rendimento. Comprovadas as experiências, o Baixo-Amazonas será um grande produtor de juta.

A saída para os rios é importantíssima; as habitações possuem "portos", isto é, trapiches que vão ligá-la diretamente com a via de comunicações; às vezes, tais trapiches são verdadeiros caminhos suspensos sobre a várzea inundável, como observamos em vários lugares da região.

O transporte fluvial é moroso, por ser feito geralmente por embarcações à vela (vigilengas), que reabastecem periodicamente as populações por intermédio dos vendeiros; em virtude da lentidão desse tipo de transporte, os habitantes da região ficam na dependência de tais personagens: a eles vendem o que produzem e deles compram o de que necessitam.

Vivem, assim, em última análise, isolados do resto do país e do mundo, sem meios plausíveis para melhorar essa situação.

Problemas ligados à produção agrícola. — Não constitui novidade o fato do nosso caboclo possuir técnica agrícola rudimentar; o que vimos, entretanto, ultrapassa o que conhecíamos como rudimentar. O uso da enxada é generalizado; o do arado é desconhecido, embora dois desses instrumentos agrícolas estivessem sob a ação das intempéries, na porta de uma venda da região, à espera de possível comprador.

A derrubada da floresta pelo processo tradicional da queimada é ali utilizada. Pela ação climática, a laterização do solo se processa rapidamente e com frequente diminuição da fertilidade verifica-se o abandono dessa clareira aberta na floresta, transferindo-se o caboclo para outra área próxima, onde reiniciará o processo de queimada e derrubada.

A clareira abandonada vai sendo invadida pela floresta; ao fim de 5 anos, muitas vezes, verifica-se o retorno da agricultura para as primitivas clareiras, agora ocupadas por capoeiras.

Assim, sobre os "fitmes" são estabelecidas as lavouras comuns à região, ou sejam, a mandioca e o milho.

O calendário agrícola é muito incipiente; maio e junho são dedicados à limpeza da capoeira ou à formação de novas clareiras; em novembro, planta-se o milho; em dezembro, planta-se a mandioca; março, colheita de milho, e no próximo ano, nesse mês, colhe-se a mandioca plantada em dezembro do ano retrazado.

A fuga, verificada à varzea e ao igapó, justificada pelo perigo das enchentes, fez com que os melhores e mais ricos solos permanecessem abandonados.

Os poucos instrumentos agrícolas que possuem se resumem à enxada, ao machado e ao terçado; não têm possibilidades de combater as formigas, roedores e pássaros que, muitas vezes, devastam plantações. Processos de adubagem são desconhecidos na região.

A mandioca, cultura de maior valor, exige uma certa preparação antes de ser exportada pelo caboclo. Daí as "fábricas de farinha" ou "casas de farinha", onde, por processos rudimentares, ela é ralada, enxuta, torrada e colocada em cestos, forrados com folhas vegetais largas — constituindo os "paneiros" —, ficando pronta para o transporte, o que é feito em lombo de burros até o igarapé mais próximo ou até à venda menos distante.

Outra questão importante diz respeito ao número mensal de dias de trabalho; as chuvas e os feriados locais chegam a reduzi-los a apenas 20, o que determina uma redução sensível na fécia mensal desses caboclos.

A várzea permanece quase abandonada; há seringueiros em atividade, em alguns trechos se processa plantação do arroz, cujo valor é também bastante grande, embora a população pouco o consuma, uma vez que quase toda a produção é exportada para Belém ou para pequenas cidades das circunvizinhanças.

Também, na várzea, começa a ser introduzida a criação do gado bovino, cuja quantidade é ainda muito pouco numerosa; nada se pode assegurar relativamente ao sucesso ou insucesso da criação, na região.



Os problemas que a região apresenta necessitam sua resolução para melhor aproveitamento do solo, bem como para melhoria do padrão de vida da população local.

Na realidade, tais problemas são comuns a todos os habitantes ou a quase todos; portanto, eles não atuam separadamente, mas, sim, em conjunto, o que vem a agravar ainda mais esse estado de coisas.

A solução ou as soluções exigem empreendimentos vultosos, de grande custo e de grande porte. Não é obra para um indivíduo ou para um pequeno grupo de pessoas. É mais um programa de trabalhos a serem executados pelo Estado ou pela Nação, que ali precisa ser posto em prática o mais rapidamente possível.

É necessário que se corte o mal pela raiz, de início começando pelo saneamento da região, livrando-a da maleita, e enxugando-a ao máximo possível; é preciso que seja dada orientação e instruções relativas às técnicas agrícolas próprias de zonas inundadas; é o caso, também, de introdução de novos valores na economia regional, tal como a juta, cujos resultados iniciais, nos campos experimentais do INSTITUTO AGRÔNOMICO DO NORTE, são os mais promissores possíveis.

Somente assim é que se poderá efetivamente ocupar esta região do Brasil.